



Encontro Nacional dos
Estudantes de Arquivologia
De 11 a 15 de Julho de 2016



A Interdisciplinaridade entre Arquivologia e Biblioteconomia

Carlos de França Brito*

Raissa Andrade**

RESUMO

O presente artigo tem como seu principal objetivo visar a investigação exploratória sobre as bases epistemológicas dos campos científicos das disciplinas da Arquivologia e da Biblioteconomia, buscando indícios sobre a interdisciplinaridade entre as duas áreas. Apresenta o trajeto histórico de ambas as ciências desde os seus primórdios até sua contemporaneidade na sociedade moderna, analisando as principais intercessões teóricas em comum entre as áreas e os limites dos respectivos objetos de estudo. Propõe também analisar suas definições conceituais, os princípios, bem como os desafios para cada um desses campos científicos, apresentando considerações de ordem teórica e metodológica sobre a investigação e seus resultados.

Palavras-chave: Arquivologia. Biblioteconomia. Interdisciplinaridade. Historiografia.

Epistemologia.

*Corretor de Imóveis, Técnico em Administração, Graduando em Arquivologia. Universidade Federal da Paraíba. Estagiário do Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos Universidade Federal da Paraíba. carlos12pb@hotmail.com

**Graduanda em Arquivologia. Universidade Federal da Paraíba. Estagiária do Núcleo de Direitos Humanos. Universidade Federal da Paraíba. E-mail: nercy-silva@hotmail.com

1. Introdução

Muito já se tem falado a respeito da interdisciplinaridade entre arquivologia, biblioteconomia e museologia, em especial nos trabalhos do Professor Carlos Alberto Àvila de Araújo com diversos artigos abordando a interdisciplinaridade entre as disciplinas, correntes teóricas e históricos das mesmas. O nosso objetivo ao abordar a temática não é inovar pois, muito já se tem sido dito, porém, propusemos fazer uma síntese e abordar no mesmo conjunto o que se trata a interdisciplinaridade, a história dos arquivos desde os seus suportes mais remotos até os dias atuais, o histórico das práticas arquivísticas e da biblioteconomia e por fim suas correntes teóricas.

Se tratando da interdisciplinaridade de acordo com Domingues (2005) as experiências interdisciplinares apresentam três características básicas a saber:

- a) Aproximação dos campos para solução de problemas;
- b) Geração de novas disciplinas após fusão e cooperação entre os campos;
- c) Compartilhamento de metodologias;

Um dos aspectos segundo Domingues (2005) é a geração de novas disciplinas, não vemos a necessidade de uma criação ou uma fusão, porém ambos os campos de conhecimento possuem muito em comum que podem auxiliar na prática diária do profissional, desde as suas origens até as suas correntes teóricas.

Com o nosso estudo, pretendemos na parte interdisciplinar analisar os aspectos comuns, mas, também os pontos diferentes entre as disciplinas, exporemos melhor em um quadro comparativo. Esperamos que o nosso trabalho seja de proveito em especial para os estudantes de biblioteconomia e arquivologia que estão iniciando os seus cursos e que possam ter um conhecimento panorâmicos das suas futuras profissões.

2. Procedimentos Metodológicos

Para a realização do presente trabalho, foi realizado um amplo levantamento bibliográfico para embasamento teórico, relacionando a diferentes épocas e contextos, para a identificação das teorias, conceitos e métodos mais utilizados e referenciados em manuais, tratados e livros introdutórios

3. Interdisciplinaridade

O conhecimento nos últimos séculos se focou na compreensão da natureza e dos fenômenos ligados ao mundo real, tendo sido dividido em inúmeras disciplinas, que gerou a ciência clássica. A ciência clássica apresentava-se por sua vez, por sua composição de campos com objetos de estudos próprios, teorias e métodos de estudos que fossem diretamente aplicáveis a seus objetos e se baseavam em quatro pilares: A razão, que seria um sistema de ideias coerentes; a objetividade; o empirismo, que afirma que as teorias podem ser testadas por observações ou experimentações refletindo o real e por fim a lógica clássica, que verificaria se o conjunto das ideias correspondem a um nível de coerência. (MORIN; LE MOIGNE; 2000)

Com o pós-guerra desenvolveram-se disciplinas diferenciadas da ciência clássica, disciplinas essas que apresentavam como um de seus traços identificadores características interdisciplinares para o desenvolvimento da sua pesquisa (BICALHO; OLIVEIRA; 2011)

A interdisciplinaridade propõe a oferecer alternativas as formas de se pensar e fazer da ciência clássica. As referências que remetem a interdisciplinaridade são antigas a tal ponto que, pensadores como Platão e Aristóteles são chamados de autores “interdisciplinares” devido as semelhanças de suas ideias. (BICALHO; OLIVEIRA; 2011)

Para que possamos iniciar nossa discursão, devemos partir de um princípio conceitual que usaremos como base para o desenvolvimento da nossa proposta definindo a interdisciplinaridade como a:

“interação existente entre duas ou mais disciplinas e que pode ir da simples comunicação de ideias até a integração mutua dos conceitos dirigentes, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino a eles relacionados.” (CUNHA; CAVALCANTI; 2008 p.210)

Podemos com isso afirmar que em um aspecto mais geral, a interdisciplinaridade em sua essência ira tratar dos pontos em comum entre as disciplinas, no nosso caso analisaremos as bases interdisciplinares da arquivologia e da biblioteconomia, seus conceitos, e também algumas diferencias entre as disciplinas.

Com o exposto citado acima podemos adentrar no caso propriamente dito da interdisciplinaridade com as disciplinas propostas nos limitaremos a abordar o caráter interdisciplinar apenas no aspecto etimológico, institucional e histórico e a seguir examinaremos alguns conceitos em comum.

Em relação a etimologia das palavras sua relação se dá pelo sentido que carregam. Como afirma Araújo; Tanus; (2012)



“Arquivologia deriva do latim *archivum*, cuja sua origem deriva do grego *arkheia* “registros públicos”, de *arkheion* “prefeitura, governo municipal” de *arkhé* “começo, origem”; a palavra biblioteconomia vem do grego *bíblion* “livro, suporte da escrita”, *théke* “caixa, depósito” as quais formam juntas a concepção de biblioteca [...]”

Ambos possuem em seu sentido etimológico a conotação de guarda, o arquivo como a *arkheia* um registro público e o *arkheion* como a prefeitura denotando um sentido de guarda assim como a biblioteca, o *bíblion* como o suporte da informação e a *théke* como o local de custódia.

Em um aspecto institucional, com a existência dos primeiros arquivos e bibliotecas surgiu um processo direcionado para a elaboração de técnicas e métodos de caráter prático, haja vista a necessidade de administrar os documentos dessas instituições. Com isso consolidando as bases das disciplinas. (ARAÚJO; TANUS; 2012)

Historicamente, na antiguidade os primeiros arquivos, bibliotecas e os museus, formavam em sua grande maioria um acervo único, compartilhando um mesmo local, levando a entender que não havia uma separação institucional. A distinção entre essas instituições pode ser observado apenas com o advento da idade moderna, porém apenas na idade contemporânea é que foi reconhecida a necessidade de mão de obra especializada o que culminou na criação dos primeiros cursos de arquivologia e biblioteconomia. (ARAÚJO; TANUS; 2012)

Após a análise histórica, etimológica e institucional, iremos tratar de alguns dos pontos em comum, nossa pretensão não é esgotar o tema pois muito pode ser dito a respeito da interdisciplinaridade entre as disciplinas em especial com relação a museologia que não foi abordado, podemos então observar alguns aspectos conceituais, tais como a memória, o documento e a informação.

Podemos definir a memória como “a possibilidade que a consciência tem de invocar imagens recuando até o passado e reconhecendo-as como tais, e extrair os elementos de uma informação repetitiva ou não” (CUNHA; CAVALCANTE, p.243, 2008). Tanto na arquivologia, quanto na biblioteconomia a memória estará registrada em algum suporte, seja ele físico ou digital. Porém a mesma nem sempre foi registrada em algum suporte, antes do advento da escrita a memória era passada por meio dos mitos, em especial os de origem, genealogias, e saberes técnicos, tendo como os responsáveis por essa guarda e transmissão eram os “homens memória”. (LE GOFF 2003)

Um outro ponto que se desenvolve o conceito de memória é com relação a coleta e custódia, pois os arquivos e bibliotecas compartilham da função de compartilhamento da cultura e

fornecimento aos usuários, bem como compartilham problemas de armazenamento, conservação e gestão. (ARAÚJO; TANUS; 2012)

Documento segundo Castro et al (1988 p. 19) “[...] é todo e qualquer suporte da informação” o que poderíamos classificar como sendo um “[...] livro, a revista, o jornal, é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, é também atualmente o filme, o disco e toda a parte documental que prece ou sucede a emissão radiofônica. Ao lado dos textos e imagens há objetos documentais por si mesmos (ARAUJO; RENAU; TANUS; apud. OTLET, 1937). Em suma, o documento é toda informação registrada em algum suporte, poderíamos até mesmo incluir uma pedra como exemplo! Ela poderia servir como documento por conter alguma informação. Para a arquivologia, os documentos são aqueles que se diferem dos livros; para a biblioteconomia, os documentos são os livros; e, para a documentação, são todos os livros, e outros tipos de documentos. (CURRÁS 1982)

A informação por sua vez seria o “elemento referencial, noção, ideia ou mensagem contidos num documento.” (ARQUIVO NACIONAL 2005) Tudo aquilo que o documento pode transmitir, isso é considerado informação.

Paes (p. 18. 2014) faz uma síntese das principais semelhanças e diferenças entre a arquivologia e biblioteconomia com base na obra dos Arquivos Modernos de Schellenberg, definindo os principais campos de atuação estabelecendo um paralelo entre as duas disciplinas como segue abaixo:

Arquivo	Biblioteca
Gênero de Documentos	
<ul style="list-style-type: none"> • Documentos Textuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Documentos Impressos
<ul style="list-style-type: none"> • Audiovisuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Audiovisuais
<ul style="list-style-type: none"> • Cartográficos 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartográficos
Origem	
<ul style="list-style-type: none"> • Os documentos são produzidos com objetivos funcionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Os documentos são produzidos com objetivos culturais
Aquisição ou Custódia	
<ul style="list-style-type: none"> • Os documentos não são objetos de coleção; provem das atividades públicas ou privadas, ou até mesmo de pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> • Os documentos são colecionados de fontes diversas, adquiridos por compra ou doação.

<p>físicas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A produção documental é feita num único exemplar ou em quantidades limitadas. • Existe uma significação orgânica 	<ul style="list-style-type: none"> • Os documentos existem em numerosos exemplares. • A significação do acervo documental não depende da relação que os documentos tenham entre si
Método de Avaliação	
<ul style="list-style-type: none"> • Preserva-se a documentação como referente a uma atividade em conjunto e não como unidades isoladas. • Os Julgamentos finais são irrevogáveis. • A documentação, não raro, existe em vias únicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplica-se a unidades isoladas. • Não apresenta um julgamento de caráter irrevogável. • O julgamento envolve questões de conveniência, e não de preservação ou perda total.
Método de Classificação	
<ul style="list-style-type: none"> • Estabelece classificação específica para cada instituição, ditada pelas suas particularidades. • Exige conhecimento da relação entre as unidades, a organização e o funcionamento dos órgãos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utiliza métodos predeterminados. • Exige conhecimento do sistema, do conteúdo e da significação dos documentos a classificar.
Método Descritivo	
<ul style="list-style-type: none"> • Aplica-se a conjuntos de documentos. • As series são consideradas unidades para fins de descrição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplica-se a unidades discriminadas. • As series são unidades isoladas para catalogação.

4. Origens Históricas da Arquivologia e da Biblioteconomia

É válido salientar que a arquivologia, abrange em seu escopo tanto o estudo das técnicas, quanto das origens históricas do arquivo pois, a arquivologia está para a ciência enquanto a arquivística para as técnicas. (Castro et al 1988) Nossa proposta é trazer um panorama histórico dos arquivos, bem como da prática arquivística seguido pela história da biblioteconomia.

Origens históricas dos arquivos

O surgimento da escrita há milênios condicionou o surgimento dos primeiros arquivos, juntamente com a consciência de preservação de tais memórias ao longo da história dos arquivos se encontraram diversas formas de suporte tais como, placas de argila, papiro, pergaminho e diversos outros.

Vários autores defendem que, a História dos Arquivos não pode ser considerada à margem da História Geral da que formam parte integrante, tanto que a sociedade condiciona a sua existência, a sua organização, os seus critérios de conservação e mesmo a sua finalidade. (REIS; 2006)

Nas civilizações pré-clássicas os arquivos que temos conhecimento, a exemplo da cidade de Elba, eram feitos em placas de argila e guardados em estantes de madeira em distintas salas contendo grandes volumes documentais compostos de sentenças judiciais, cartas, atos privados e etc. Indicando que algumas práticas arquivísticas já faziam parte do cotidiano das civilizações pré-clássicas. (REIS; 2006)

Na Grécia antiga cada magistratura dispunha do seu *Archeion*, local onde eram redigidos e conservados os documentos do governo. Acredita-se que por toda a Grécia existiam arquivos civis e religiosos. Os romanos, costumavam guardar seus arquivos em templos, onde se guardavam as *Tabulae Publicae* que depois passaram a ser chamadas de *Tabularium*, este por sua vez, desempenhava a função de Arquivo Central. Os romanos instituíram arquivos em todas as suas principais cidades e desenvolveram o conceito de Arquivo Público, abrindo as portas para o povo e funcionando como garantia de prova para os cidadãos.

Com a queda do Império Romano, a complexa administração desaparece, e começa-se a difundir a ideia de arquivo como onde se agrega documentos de valor, por constituírem memória ou atos ocorridos no passado. Passando a gestão de arquivo para a Igreja. A partir do século XIII surgiram os primeiros funcionários especializados, devido a caracterização orgânica que as unidades administrativas passaram a adquirir. (REIS; 2006)

Durante o advento da idade moderna e o surgimento de um estado absolutista e centralizador ocorre uma concentração dos arquivos originando os primeiros Arquivos de Estado, provocando um ajuste de normas regulamentadoras dos preceitos de rotina do arquivista, o arquivo passa a obter uma função jurídico-política sendo um elemento fundamental da administração. Na era contemporânea com o surgimento do Estado de Direito, nasce o conceito de Soberania Nacional, com isso surgindo os princípios de responsabilidade, eficácia, justiça e garantia da atuação da

administração pública para com a população. (REIS; 2006) Nesse prisma o arquivo passa a ser um objeto de garantias para a população, e não apenas um depósito de documentos importantes como era na idade média. Ressaltando que, ao assegurar as garantias, o arquivo não perde o seu papel de preservação da memória. Nos últimos anos podemos observar que o arquivo não perdeu sua característica advinda da idade média e da idade contemporânea continuando assim com suas funções descritas acima servindo a história e a administração pensamento esse embasado atualmente com a nomenclatura de Arquivística Tradicional, a qual analisaremos mais adiante.

História da Arquivística

Como foi visto, a prática da arquivística remonta desde os séculos em que os arquivos encontravam-se em suportes remotos, contudo foi apenas no final do século XIX em que houve a consolidação do modelo custodial e patrimonialista, onde a arquivística constituiu-se como disciplina científica e conseqüentemente desenvolveram-se diversos estudos, práticas e teorias sobre a Arquivologia.

A evolução humana está intrinsecamente ligada a histórias dos arquivos, desta forma foi com o desenvolvimento das sociedades humanas que a arquivística começou a fincar raízes sólidas onde tornou-se necessário conservar os documentos produzidos para que fossem utilizados na posterioridade.

Com o decorrer dos séculos XV até o século XX, houveram mudanças significativas na arquivística, tais mudanças deram-se com o surgimento de grandes movimentos tais como o Renascimento que segundo Araújo (2013) renasceu o interesse pela produção humana pelo estudo de sua história e evolução política e econômica. Ressaltando desta forma o interesse pela conservação e preservação dos documentos produzidos dos mais variados conteúdos.

Proliferaram, a partir do século XVII, tratados e manuais voltados para as regras de procedimentos nas instituições responsáveis pela guarda das obras, para as regras de preservação e conservação física dos materiais, para as estratégias de descrição formal das peças e documentos, incluindo aspectos sobre sua legitimidade, procedência e características, sendo que De re diplomatica, de Dom Jean Mabillon, publicada em 1681, é considerada uma obra fundadora do campo pois contém “os primeiros elementos da doutrina arquivística” (FONSECA, 2005, p. 31).

As mudanças que ocorreram na Europa durante a Revolução Francesa no século XVIII repercutiram de forma significativa na noção e funcionalidade dos arquivos, de forma que o novo

conceito de Soberania Nacional trouxe consigo a necessidade de uma noção mais ampla de Arquivo a proporção que este passa a ser considerado como forma de garantir os direitos adquiridos com o surgimento do Estado de Direito, que conseqüentemente culminou na criação do Arquivo Nacional Francês com o objetivo de estender a população a informação nele guardada e preservada.

No contexto da Revolução Francesa houve a necessidade de se ter pessoal qualificado para as nascentes instituições modernas o que levou à formação dos primeiros cursos profissionalizantes (dos quais o curso da École des Chartes, criado em 1821, é paradigmático), voltados essencialmente para regras de administração das rotinas destas instituições.(ARAÚJO; 2013).

A chegada do século XIX consolidou a Arquivística como disciplina científica de tal forma que surgiram aqueles que seriam os precursores do estabelecimento do projeto de constituição científica da Arquivologia: a formalização do conceito de fundo (o princípio do respeito aos fundos, de Natalis de Wailly, de 1841) e o Handeigling voor het ordenen em beschrijven van Archieven (conhecido como o “Manual dos holandeses”), de 1898. O modelo de ciência então dominante, oriundo das ciências exatas e naturais, voltado para a busca de regularidades, estabelecimento de leis, ideal matemático e intervenção na natureza por meio de processos técnicos e tecnológicos, se expandiu para as ciências sociais e humanas através do Positivismo. Esse é o modelo que inspirou as pioneiras conformações científicas da Arquivologia, que privilegiou os procedimentos técnicos de intervenção: as estratégias de descrição, classificação e ordenação dos acervos documentais dos arquivos. (ARAÚJO; 2013)

As pesquisas, reflexões e estudos que desenvolveram-se no século XX apontavam para a preocupação de administrar a informação em tempos de crise como é o caso da Segunda Guerra Mundial, acentuando nos anos 30 e 50 a dimensão administrativa da Arquivologia. No decorrer dos anos preocupações com a ordem prática acentuando-se a vertente técnica arquivística dos anos 60, a formulação de um corpo teórico que fosse capaz de suportar a fundamentação da arquivística dos anos 70, trouxeram consigo abordagens contemporâneas com problemáticas que tornavam a arquivística um campo muito mais complexo.

A seguir, buscou-se sistematizar tais estudos, que são apresentados, a seguir, organizados em quatro eixos, segundo sua filiação a correntes teóricas mais amplas das ciências humanas e sociais. (ARAÚJO; 2013)

Dentro deste contexto é possível afirmar que a Arquivística que hoje faz parte do ramo da Ciência da Informação, como uma ciência que segundo Luís Reis (2006) procura uma identidade

que lhe dê autonomia e respeito da História e da Administração e os arquivos de todas as épocas independentemente da espécie, são o seu objeto de estudo.

História da Biblioteconomia

A origem da biblioteca, segundo Chartier (1998) seria devido ao surgimento dos primeiros registros materiais, ou seja, remonta das primeiras atividades culturais humanas. A partir do surgimento das primeiras cidades e conseqüentemente com a invenção da escrita, nota-se o aparecimento segundo Araújo (2013) das primeiras manifestações de espaços físicos, que mais tarde seriam chamadas de bibliotecas, destacando-se a biblioteca de Alexandria fundada no início do século III a.C.

No Egito Antigo, na Grécia Clássica, no Império Romano, nos mundos árabe e chinês do primeiro milênio e na Idade Média na Europa, ergueram-se e consolidaram-se bibliotecas relacionadas com os mais diversos acervos – religiosos, literários, científicos, políticos, entre outros (LÓPES-CÓZAR, 2002).

A partir do século XV com o surgimento do Renascimento que caracterizava-se como a ruptura com o período medieval, o declínio feudalismo e ascensão do capitalismo e o surgimento de um ideal humanista e naturalista que foi retratado principalmente na filosofia, artes e ciência. Salientou-se assim o interesse pelo culto das obras, pela sua guarda, sua preservação.

Proliferaram, a partir do século XVII, tratados e manuais voltados para as regras de procedimentos nas instituições responsáveis pela guarda das obras, para as regras de preservação e conservação física dos materiais, para as estratégias de descrição formal das peças e documentos, sendo que *Advis pour dresser une bibliothèque*, de Gabriel Naudé, publicada em 1627, marcou a “transição da biblioteconomia empírica para a moderna prática bibliotecária” (FONSECA, 1979, p. 11).

O colapso Regime Absolutista e a transição para a Modernidade foram frutos de Revoluções burguesas e da Revolução Francesa do século XVIII, que tinha como causas principais o descontentamento do povo francês oriundo da profunda miséria a qual estavam acometidos. A Revolução, com influência no Iluminismo, trouxe uma nova visão de mundo pautada na liberdade, igualdade e fraternidade.

Surgiu aí o conceito moderno de “Biblioteca Nacional”, que tem no seu caráter público sua marca distintiva. São formadas as grandes coleções, são realizados amplos processos de aquisição e

acumulação de acervos – o que reforçou a natureza custodial destas instituições. A necessidade de se ter pessoal qualificado para as nascentes instituições modernas levou à formação dos primeiros cursos profissionalizantes voltados para regras de administração das rotinas destas instituições. Um exemplo desse tipo é produção é o Manuel du bibliothécaire, accompagné de notes critiques, historiques et littéraires, de Jean Pie Namur, publicado em 1834. (ARAÚJO, 20013)

Por fim, com a consolidação da ciência moderna como forma de produção de conhecimento, também o campo das humanidades viu-se convocado a se constituir como ciência. Surgiram no século XIX aqueles que seriam os precursores do estabelecimento do projeto de constituição científica da Biblioteconomia: a consolidação de teorias e regras de catalogação (como as de Panizzi, de 1841, e de Jewett, de 1852) e dos sistemas de classificação bibliográfica (sendo o mais importante deles o de Dewey, de 1876). O modelo de ciência então dominante, oriundo das ciências exatas e naturais, voltado para a busca de regularidades, estabelecimento de leis, ideal matemático e intervenção na natureza por meio de processos técnicos e tecnológicos, se expandiu para as ciências sociais e humanas através do Positivismo. Esse é o modelo que inspirou as pioneiras conformações científicas da Biblioteconomia, que privilegiou os procedimentos técnicos de intervenção: a catalogação e a classificação. (ARAÚJO,2013).

No século XX com a consolidação da Biblioteconomia como ciência, pesquisas reflexões e estudos realizados ao redor do mundo, esclareceram as problemáticas contemporâneas através de um novo quadro explicativo mais elaborado.

No contexto histórico citado acima o conceito de biblioteca e biblioteconomia passaram por profundas transformações que acompanham a história da sociedade humana, de forma que seria impossível falar da história da biblioteconomia e da biblioteca sem citar a evolução do ser humano em sociedade.

5. Correntes Teóricas da Arquivologia e Biblioteconomia

Correntes Teóricas da Arquivologia

A consolidação de um modelo científico das teorias arquivísticas, apresentam um caráter recente quando comparados a outros campos do conhecimento, o desenvolvimento das teorias, de acordo com, Valentim (2012) se deram em três momentos:

- a. O primeiro momento a arquivologia era vista como ciência auxiliar da história.

- b. Um segundo momento, no século XX em meados dos anos de 1930 até 1950, obteve um caráter gerencial dos documentos produzidos pela administração, visando a criação de sistemas e métodos de organização, devido ao volume documental surgido no pós-guerra.
- c. E por fim dos anos de 1980 até os dias atuais, buscando uma consolidação teórica buscando se firmar como disciplina ligada a ciência da informação propondo novos métodos de abordagens e metodologias.

Durante esses três momentos surgiram duas escolas de pensamento que formam o pensamento arquivístico contemporâneo. A primeira é a Arquivística Tradicional também conhecida como Arquivística Custodial e a segunda Arquivística Pós-Moderna ou Pós-Custodial. (VALENTIN 2012)

Dentro da arquivística pós-moderna encontramos o aspecto funcionalista que baseia-se no processo de análise funcional de criação dos documentos, afirmando que apenas com esta análise partindo do contexto da criação dos documentos é que se pode entender a integridade dos fundos e as funções do arquivo. (TOGNOLI E GUIMARÃES 2011)

Também contido no escopo pós-moderno temos a perspectiva crítica, nela, os arquivos são vistos como instrumentos de poder que influenciam o direcionamento da construção da memória coletiva, da identidade nacional, enfim, da cosmovisão de todos que fazem uso de determinado arquivo. (ARAÚJO 2013)

Nesse contexto temos os estudos do sujeito no qual todas as pesquisas até então eram realizadas com base na perspectiva das ações dos arquivos pela sociedade e os indivíduos vistos apenas como sujeitos passivos, receptáculos da informação, a partir dessa análise surgiram os primeiros estudos com base nas perspectivas dos sujeitos. (ARAÚJO 2013)

A identidade cultural sempre foi de grande importância para os canadenses, e foi no início do século XIX que houve a preocupação de preservar a cultura canadense e conseqüentemente o governo passou a entender que o principal meio para manter viva a cultura do seu povo seria preservar a memória local. É nesse contexto que foi criado o Arquivo Nacional do Canadá, que diferentemente de outros países como os EUA não possuía iniciativa privada para tratar de seus documentos históricos, portanto o governo canadense manteve para si a preocupação com a história local.

Nasceu assim a fundação para uma visão arquivística canadense distinta, uma visão que compreendia a aquisição de cópias e originais de documentos públicos e privados como uma função arquivística legítima e principal para os Arquivos Públicos, como era chamado. O conceito de

arquivos totais, que ainda não havia sido articulado por nome, encontrou suas origens nessa crença do papel central do governo na preservação de documentos históricos de todas as fontes. O núcleo dos arquivos totais encontra-se nessa aceitação da responsabilidade pública para a sociedade e o cidadão (MILLAR, 1998, p. 111).

O princípio da proveniência que compreende as temáticas adotadas pelo Canadá é objeto de estudo dos arquivistas canadenses a proporção que diversas teses dentre outros estudos sobre a mesma foram publicados. O estudo acerca da proveniência que também pode ser chamado de princípio de respeito aos fundos, destaca a importância de misturar documentos de entidades distintas, ao passo que o estudo da proveniência determina o estudo da função do documento e os motivos que levaram a sua criação a partir do criador. Esse contexto trouxe de volta o estudo proveniência em um novo contexto.

Em 1980 surge uma nova abordagem para a arquivística canadense, denominada Arquivística Integrada que trata do ciclo documental desde sua criação até sua guarda permanente, baseando seus estudos à realidade europeia ligada aos documentos históricos e a norte americana no contexto de gestão documental.

Nesse sentido, a Arquivística Integrada busca uma reintegração da disciplina, focando seus estudos na gestão da informação orgânica e em sua importância para o fortalecimento da disciplina nos séculos XX e XXI.

Correntes teóricas da biblioteconomia

No final do século XIX e ao longo do século XX, ocorreram mudanças significativas no conceito de biblioteca, que antes preocupava-se apenas com sua dinâmica interna caracterizada pela rotina dentro da biblioteca e a preocupação com a guarda, juntamente com suas práticas de classificação e catalogação das coleções. O pensamento Funcionalista é oriundo das manifestações que ocorreram entre os séculos XIX e XX, e tinha como característica combater o isolamento das bibliotecas com a sociedade.

Uma importante e pioneira expressão do pensamento funcionalista na Biblioteconomia encontra-se na obra do espanhol Lasso de la Vega. Em seu tratado sobre o assunto, o autor argumenta que, inicialmente, as bibliotecas eram instituições voltadas unicamente para a conservação dos livros e que, naquele momento (década de 1950) estavam passando a se constituir

como instituições pedagógicas ativas, verdadeiras “universidades populares” (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 03).

Ao longo do século XX, o impacto do pensamento crítico sobre o positivismo, a sociedade e o ser humano começou a se manifestar no espaço reflexivo sobre as bibliotecas. Também tendo como centro de preocupação as relações as bibliotecas e a sociedade, desenhou-se uma perspectiva calcada sobretudo na denúncia de processos de dominação, de ações ideológicas ocultas por detrás de práticas tidas como pretensamente neutras, no questionamento sobre as reais necessidades a serem atendidas e sobre os enquadramentos culturais promovidos. Essa abordagem se construiu tanto na crítica ao paradigma patrimonialista quanto à corrente funcionalista. Seu ponto de partida é uma concepção da realidade humana como fundada no conflito, na luta de interesses entre atores em posições desiguais por condições de domínio e legitimidade – por meio principalmente (mas não só) do conceito de ideologia. (ARAÚJO, 2013).

A partir da crítica tanto aos críticos como ao modelo Funcionalista, surgiu uma nova tradição de estudo que segundo Araújo (2013) tendiam a ver apenas as ações das bibliotecas sobre a sociedade e os indivíduos, que de eram considerados de maneira geral seres passivos, ou seja, apenas receptores da informação. De maneira geral este estudo trouxe os usuários de bibliotecas como sujeitos do estudo.

Na verdade, a preocupação com os usuários está presente na Biblioteconomia desde os seus primórdios enquanto disciplina científica. Murison (1988) aponta que em 1697, na Inglaterra, Thomas Bray publicou seus *Essays towards promoting all necessary and useful knowledge, both divine and human, in all parts of his majesty's dominions*, obra que seria uma espécie de precursora de uma preocupação com o uso efetivo dos recursos (no caso, apenas os livros e documentos impressos) contidos nas bibliotecas. (ARAÚJO, 2013)

É no campo Tratamento da Informação que regras de catalogação e os sistemas de classificação bibliográfica oriundos do século XIX, e é relacionado ao Tratamento da Informação que apresentam-se as questões referentes à descrição e organização.

Na área de catalogação, foram realizados importantes avanços na criação de instrumentos internacionais de formatos de registros de dados bibliográficos, controle de autoridade, pontos de acesso e remissivas para os vários tipos de materiais. (ARAÚJO, 2013)

Já no campo das classificações bibliográficas, contudo, que mais houve produção científica. Buscando promover classificações sistemáticas, lógicas, que refletissem de modo crítica e filosófico sobre os elementos de ligação que servem para a reunião de conceitos as teorias e sistemas

formulados foram buscar na lógica aristotélica as primeiras contribuições, a partir de conceitos como gênero, espécie, diferença, propriedade e acidente. Tais noções estão na base da definição de classificação como hierarquia e foram fundamentais na formulação dos primeiros sistemas de classificação bibliográfica, universais e hierárquicos. (ARAÚJO, 2013)

As três tendências resultantes da abordagem contemporânea da biblioteconomia foram: Mediação, que diz respeito a uma mudança estrutural no conceito de Biblioteconomia, onde esta passa a ser considerada mediadora de informações entre as coleções e os usuários.

A segunda vertente se desenvolveu a partir do conceito de “Information Literacy”, surgido nos EUA, em 1974. Formulado por Zurkowsky, inicialmente se relacionou com o ambiente empresarial, como competência para o uso da ampla variedade de recursos informacionais disponíveis para a solução de problemas no trabalho. Dois anos depois, Hamelink e Owens o vinculavam à questão da cidadania, correlacionado com a prática de tomar decisões relativas à responsabilidade social. Foi no campo educacional, contudo, que o conceito foi problematizado, como um “esforço da classe bibliotecária para ampliar seu papel dentro das instituições educacionais” (CAMPELLO, 2003, p. 28).

Por fim, a terceira vertente é a dos estudos sobre as bibliotecas eletrônicas ou digitais, com todas as implicações em termos de acervos, serviços e dinâmicas relativas a essa nova condição (ROWLEY, 2002). A chegada das tecnologias digitais trouxe toda uma reconfiguração da própria estrutura dos produtos e serviços bibliotecários e, mais recentemente, destaca-se o impacto específico das discussões sobre a web 2.0. Conforme Furtado (2009), em 2005 Michael Casey criou o termo “library 2.0”, fruto da junção de web 2.0 e biblioteca, destacando assim a aplicação, na biblioteca, dos princípios e ferramentas da web 2.0. Há, assim, uma profunda “mudança na relação usuário, informação e biblioteca” (FURTADO, 2009, p. 136): mais que oferecer novos serviços e produtos com as tecnologias digitais, é a relação com o usuário que muda e o papel da biblioteca deixa de ser apenas de disponibilizar as informações de seu acervo, mas sim permitir que todos participem na construção dos conteúdos que todos vão usar.

6. Considerações Finais

Muito ainda pode ser dito pela temática, vimos que ambas as disciplinas compartilham muitos pontos em comum, mas devido as diferenças (que são poucas e as vezes quase nulas) é o que as tornam disciplinas únicas, tanto a arquivologia quanto a biblioteconomia já apresentam um modelo

teórico consolidado, ambos os campos abrangentes porém flexíveis a novas abordagens e capazes de adaptações históricas.

São disciplinas que, mesmo modificando os suportes de informação, suas práticas continuam a se reformular, dando vida continua a esses dois campos do saber.

Não tivemos a intenção de expor a quebra de paradigmas das correntes teóricas, mas apenas expor brevemente suas origens históricas e conceitos. Como diria o antigo Rei Salomão “[...] não há nada de novo embaixo dos céus.” Como vimos, a prática arquivística e a biblioteconomia, não são ciências recentes, fazem parte de uma técnica milenar de organização, classificação e preservação, adaptada aos suportes que emergiram ao longo do tempo e modificada para atender aos padrões de cada sociedade em determinada época da história, para tal foram desenvolvidas as correntes teóricas de cada uma das áreas, e assim concluimos nosso artigo

The interdisciplinarity between Archival and Library Science

Abstract: This article has as its main objective aim to exploratory research on the epistemological bases of scientific fields of the disciplines of Archival and Library Science, seeking clues about interdisciplinarity between the two areas. It presents the historical path of both science from its beginnings to its contemporary in modern society, analyzing the main theoretical intercessions in common areas and the boundaries of their objects of study. It also proposes to analyze its conceptual definitions, principles and challenges for each of these scientific fields, with considerations of theoretical and methodological on research and its results.

1. Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Correntes teóricas da arquivologia**. Encontros bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Minas gerais, v. 18, n. 37, p. 61-82, Ago. 2013

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Correntes teóricas da biblioteconomia**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v. 9, n.1, p. 41-58, jan./dez. 2013.



ARAÚJO. Carlos Alberto Ávila; TANUS. Gabrielle Francinne de S.C; **Proximidades Conceituais Entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação.** Biblionline, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 27-36, 2012.

ARAÚJO. Carlos Alberto Ávila; RENAU. Leonardo Vasconcelos; TANUS. Gabrielle Francinne de S.C; **O Conceito de Documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. São Paulo, v.8, n.2, p. 158-174, jul./dez. 2012.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística.** Rio de Janeiro, 2005. 232p.; Publicações Técnicas; nº 51

BICALHO. Lucinéia Maria; OLIVEIRA. Marlene; **Aspectos Conceituais da Multidisciplinaridade e da Interdisciplinaridade e a Pesquisa em Ciência da Informação.** Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 1-26, 2011

CASTRO, Andrea de Moraes e; CASTRO, Andresa de Moraes e; GASPARIAN, Danuza de Moraes e Castro; **Arquivística e Arquivologia.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988.

CAMPELLO, B. **O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional.** Ciência da Informação, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CHARTIER, R. **As utilizações do objecto impresso (séculos XV-XIX).** Algés: Difel, 1998.
ESTIVALS, R. A dialética contraditória e complementar do escrito e do documento. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 10, n. 2, p. 121-152, set. 1981.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.** Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2008.

CÚRRAS, Emilia. **Lasciencias de ladocumentacion:** bibliotecologia, archivologia, documentacion e información. Barcelona: [s.n.], 1982.



DOMINGUES, Ivan. Em busca do método. In:_____. (Org.) **Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FONSECA, E. N. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

FURTADO, C. **Bibliotecas escolares e a web 2.0: revisão de literatura sobre Brasil e Portugal**. **Em Questão**, v. 15, n. 2, p. 135-150, jul./dez. 2009.

LASSO DE LA VEGA, J. **Manual de biblioteconomia: organización técnica y científica de las bibliotecas**. Madri: Mayfe, 1952.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Unicamp. 5. ed. Campinas 2003.

LÓPEZ CÓZAR, E. **La investigación en biblioteconomía y documentación**. Gijón: Trea, 2002.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

REIS, Luis. **O arquivo e arquivística evolução histórica**. *Biblios*, Portugal, n. 24, jun. 2016.

ROWLEY, J. **A biblioteca eletrônica**. Brasília: Briquet de Lemos, 2002.

TOGNOLI, N. B.; GUIMARÃES, J. A. C. **A organização do conhecimento arquivístico: perspectivas de renovação a partir das abordagens científicas canadenses**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.21-44, jan./mar. 2011.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.) **Estudos avançados em arquivologia**. Marília, Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

